

SILVA, Gabriela. *Sacrifício negado*. Porto Alegre: Bestiário, 2022.

Renan Henrique Messias de Paulo¹

amor é fogo que arde sem se ver
queima tanto e tanto é chama,
que põe o coração e a pele a arder
e consome a roupa, o lençol e a cama

[Gabriela Silva em Camões entre quatro paredes In: *Sacrifício Negado*, p. 61].

Lançado em 2022 pela editora Bestiário, *Sacrifício negado* é o segundo livro de poesia de Gabriela Silva, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Poderia utilizar as contribuições da própria autora sobre a teoria literária e sua dedicação à literatura portuguesa contemporânea, mas, por se tratar aqui duma obra poética, o que mais traz à tona a necessidade de investigação é exatamente o diálogo que os versos de Gabriela aludem sobre a realidade cotidiana.

Walter Benjamin, em *Magia e técnica, arte e política*, defende a ideia de que com o avançar das técnicas, a literatura se alinha a uma postura que busca a transformação da realidade. Segundo Benjamin, “[...] Nenhuma renovação técnica da língua, mas sua mobilização a serviço da luta ou do trabalho e, em todo caso, a serviço da transformação da realidade.” (BENJAMIN, 1985, p. 106). Dessa forma, conseguimos encontrar, na poesia de Gabriela Silva, o alcance que a subjetividade do eu lírico apresenta como forma de tecer relações pautadas nas problemáticas de se viver num mundo como o de hoje.

Uma das principais vozes presentes nos poemas de *Sacrifício* é a do amor. Em *A bomba*, lidamos com um nível de realidade a partir da noção do privado.

A bomba
Sob o tapete da sala,
escondida de todos,

¹ Bacharel e Licenciado em Geografia (USP), Licenciado em História (Claretiano), Mestre em Estudos de Literatura (UFSCar) e Doutorando em Estudos de Literatura (UFSCar). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6909-7328> E-mail: renan.srv@hotmail.com

há uma bomba.

Não é acionada por peso
nem por equipamentos de controle
nem por sinais de longo ou curto alcance.
Ainda assim, a bomba espera
o conforto da explosão.

Está ali há anos.
Desde que construíram a casa.
Desde que foram morar lá por décadas.
Não faz barulho, tic-tac ou coisa parecida.
É silenciosa. É retida pela tensão das palavras.
O alicerce de frases pensadas, escolhidas.

Não lhe detonará a palavra amor
Segredo calculado no interior da bomba
E ela continuará até o fim dos dias
Sob o tapete da sala
No coração da casa, silencioso, inerte, inválido
Como quem nela habita (SILVA, 2022, p. 17).

O amor aqui vai muito além da vontade, do platônico e do desejo mais puro, ele também surge como uma necessidade de exposição em que o mundo se sobrepõe às tantas imposições do modo de vida. No poema apresentado, a bomba pode ser lida no sentido literal, da realmente existência duma bomba no coração da sala, mas também duma bomba que reside em cada um que ali se encontra ou que se encontrou. Na família que lida com as pressões de viver uma vida no sistema que nos encontramos; na figura dos pais que impõem relações conflituosas no ambiente familiar; nos filhos que lidam com as contradições de se viver num mundo repleto de possibilidades, mas que ainda apresentam enormes problemas de valores. A bomba pode ser ainda uma memória, ou a pobreza de experiência, como diz Benjamin (1986), que, em relação a isso, instaura a barbárie no convívio social.

Octávio Paz, em *A dupla chama: Amor e Erotismo*, tece uma relação entre o amor e a liberdade, sendo que esta última se desenvolve na medida em que o amor ganha destaque no interior de cada indivíduo:

O mistério da condição humana reside em sua liberdade: é queda e é voo. E nisso também reside a imensa sedução que exerce sobre nós o amor. Não nos oferece uma via de salvação e muito menos é uma idolatria. Começa com a admiração diante de uma pessoa, vem depois o entusiasmo e tudo culmina com a paixão que nos leva à felicidade ou ao desastre. O amor é uma prova que a todos, felizes e desgraçados, enobrece (PAZ, 1994, p. 87).

O amor no trecho de Octávio Paz alude a possibilidade da felicidade e do desastre. Esta dicotomia é muito explorada na obra de Gabriela Silva, uma vez que o sentimento sublime da existência da vida percorre o cotidiano do eu lírico, que lida com a natureza, a cidade e o íntimo de forma viva e voraz. A autora propõe uma cartografia afetiva em que os caminhos para a liberdade, para o amor e para o pertencimento são possibilidades interpretativas de sua coletânea, mas não apenas isso, a noção de tempo e espaço, o jogo de sensações que prendem o ar dos leitores para lidarem com os temas da morte, solidão e, por que não, desespero.

A voz dos poemas surge com o tom de esboçar o desejo mais latente da vida. É o sacrifício duma vida com privilégios que nos faz olhar para o outro, promover a abertura ao novo e, sobretudo, admirar como a relação da poesia é dialética na construção duma sociedade que aspira melhorar:

Tudo arde
 Eu sinto tudo arder
 Dentro e fora de mim
 Coração, pulmões e fígado
 Florestas, cidades

Meus pés queimam
 Ao tocar o chão em brasa
 Dói, mas eu seguro firme
 A única mão que me oferecete

[...] Há uma poeira a encobrir
 O mundo ardente
 Sob um cansado sol

Desfeito em tons de laranja e rosa

Eu poderia dizer que te amo

Penso antes de fechar os olhos

Pra proteger os sonhos

Das chamas e da fumaça [...] (SILVA, 2022, p. 82).

Diante de enxergar um mundo com todas suas complexidades e contradições, o eu lírico, em *Sacrifício negado*, expõe uma voz que tenta dialogar com as opacidades do mundo contemporâneo, buscando entender como as reminiscências do passado constroem o tempo presente, como identifica-se no poema *Caminho*, em que a transição entre o espaço dos sujeitos e os espaços do mundo material se misturam numa configuração para promover o entendimento do resultado das relações interpessoais.

No poema *Mors Amor*, a voz drástica ganha o protagonismo nos versos:

Mataram o Amor na minha frente.

Cortaram sua garganta.

Minhas mãos não conseguiram
estancar o sangue que se esvaía
quente, borbulhante, amoroso.

Mataram o Amor na minha frente
com seis tiros.

Nem vi o assassino,
quando me virei
de olhos vidrados o amor jazia inerte.

[...] Mataram o Amor bem na minha frente.

Não pude ajudar,
morreu de velhice,
caducou no esquecimento
de quem lhe tinha chamado para brincar (SILVA, 2022, p. 22-23).

O amor presente no poema muito dialoga com o sentido camoniano de Amor. Em especial, se possível a comparação, com o soneto *Enquanto quis Fortuna que tivesse*:

Enquanto quis Fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento
Me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse
Minha escritura a algum júizo isento,
Escureceu-me o engenho co tormento,
Para que seus enganos não dissesse.

[...] Verdades puras são e não defeitos;
E sabeis que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos (TORRALVO & MINCHILLO, 2019, p. 34).

Só quem já provou o amor é capaz de perceber as contradições que o Amor pode desencadear. Sendo o sentimento mais puro, mas também personificado, a coletânea de Gabriela Silva expõe uma gama de possibilidades nas quais esse sentimento se aflora. São viagens em realidades em que os leitores lidam com liberdade de percorrer pelos caminhos que a vida exige de cada um. Em guisa de conclusão, no poema *A garganta do Sonho*, o eu lírico faz um desejo:

[...] Verti o sangue do Sonho
sobre a mesa.
Sacrifício,
para que os deuses,
me libertassem de mim mesma (SILVA, 2022, p. 21).

Sacrifício negado é uma obra que inspira a necessidade da transformação dos sujeitos. Dialoga com a necessidade da liberdade do espírito que passa por sacrifícios para se compreender como ser humano num mundo tão complexo, violento e desigual como o de hoje. Este é, certamente, uma obra que sugere aos leitores a emancipação de si para, diante do sacrifício, a busca da libertação.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: editora brasiliense, 1985.

PAZ, Octávio. *A dupla chama: Amor e Erotismo*. Trad.: Wladir Dupont. São Paulo, Siciliano, 1994.

SILVA, Gabriela. *Sacrifício negado*. Porto Alegre: Bestiário, 2022.

TORRALVO, I. F. & MINCHILLO, C. C. *Sonetos de Camões*. 6ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.

Recebido em: 19/01/2024

Aceito em: 15/07/2024